

Época, 01 de agosto de 2020

A teoria da conspiração que dominou o Brasil

A ideia de que há uma grande conspiração de comunistas, financiados pelo grande capital, para dominar a cultura mundial através do politicamente correto, não é só papo de olavistas; ela é muito mais influente do que se imagina

Por: Denis Russo Burgierman

Se você espremer bem toda a vasta obra do escritor Olavo de Carvalho, vai perceber que, no fundo, trata-se de uma imensa teoria da conspiração. Não há lá muita filosofia. O que há, mais que tudo, são camadas e camadas de acusações contra uma suposta elite, que inclui toda a esquerda mundial, toda a mídia, toda a academia, toda a arte, toda a cultura, todo o ambientalismo, todo o ativismo, toda a ciência, todas as organizações transnacionais e - acredite - alguns dos maiores bilionários do capitalismo global, que na verdade querem impor o comunismo ao mundo.

Trata-se da teoria conspiratória do marxismo cultural - ou do politicamente correto. Em linhas gerais, o que ela diz é que alguns filósofos marxistas de um século atrás, entre eles os alemães da Escola de Frankfurt e o italiano Antonio Gramsci, fizeram um plano para dominar o mundo, não pela política, mas pela cultura. O plano consiste em ocupar todos os espaços culturais - por exemplo, a mídia, a arte e a universidade - de forma a controlar não simplesmente os governos, mas a mente de todo mundo, inclusive de quem governa.

A principal estratégia desses conspiradores é dominar a linguagem, através da “ditadura do politicamente correto”, termo meio que inventado por eles. Segundo a teoria, essa ditadura é uma opressão do pensamento: os marxistas culturais estão impondo uma nova linguagem ao mundo, e essa linguagem carrega em si, como um vírus, o comunismo.

Essa conspiração teria chegado a nós acima de tudo através do Foro de São Paulo, que seria uma aliança entre ditadores comunistas, narcotraficantes e - adivinha - o PT para conquistar a América Latina e sua cultura.

O objetivo é simplesmente destruir as bases da civilização ocidental. Como tudo o que eles querem é destruir nosso mundo, o único modo de lidar com eles é destruindo-os. É impossível - e absolutamente ingênuo - tentar dialogar com eles.

A essa altura, todos sabemos que a família Bolsonaro acredita nessa teoria, assim como a chamada “ala ideológica” do seu governo. Ernesto Araújo, por exemplo, tem toda sua visão de mundo e de política de governo moldada por essa alucinação.

Quando ele brada contra o tal “globalismo”, ele está se referindo a dois braços importantes do tal “marxismo cultural”: as organizações supranacionais e os tais “bilionários comunistas” - gente como o especulador e filantropo húngaro George Soros, inimigo de ditadores como Vladimir Putin e Viktor Orbán, que estaria financiando a revolução comunista. (A teoria evidentemente não explica por que Soros investiu tanto dinheiro em projetos como o fortalecimento da oposição civil ao comunismo, durante a Guerra Fria, e contra a autocracia de esquerda na Venezuela, hoje em dia.)

O que menos gente percebe é que essa teoria é mais disseminada do que parece. Se você prestar atenção, vai notar que toda a alta cúpula das Forças Armadas Brasileiras acredita - me parece que sinceramente - que essa conspiração é real. Isso é mais evidente em generais extremistas, como o vice-presidente Mourão, que vive delirando sobre o Foro de São Paulo (uma organização real, de esquerda, mas que está longe de ser essa maluquice ultra-poderosa e secreta de suas descrições).

Pegue por exemplo o general Villas-Boas, ex-comandante do Exército, tido como um moderado. Realmente ele não tem um discurso tão abertamente delirante como os de Olavo, Araújo ou Mourão. Mas, se você for procurar entre suas entrevistas e palestras, vai ter dificuldade de encontrar alguma na qual ele não aponte para o “politicamente correto” como sendo a origem de todos os nossos males.

Geralmente ele fala do politicamente correto em termos vagos, mas uma vez, numa entrevista, ele expressou em detalhes o que ele acredita. Ele explicou assim: “quanto mais temos de ambientalismo mais dano ambiental, quanto mais indigenismo mais os coitados dos nossos índios estão abandonados, quanto mais essa preocupação racial mais preconceito

temos..., quanto mais essa questão de gênero mais preconceito homofóbico”. Enfim, ele não nega os problemas da nossa sociedade (devastação ambiental, genocídio indígena, racismo, homofobia): o que ele faz é culpar por as vítimas por eles. É o ativismo contra esses problemas que gera os problemas.

É uma ideia maluca, mas bastante disseminada, e não apenas nos círculos mais extremistas. Boa parte da direita que se diz “liberal”, na verdade, talvez sem saber, repete a exatíssima mesma teoria desvairada que Olavo vem tecendo há décadas. O MBL, por exemplo, fala disso todos os dias.

Recentemente, num artigo, o economista político Eduardo Costa Pinto, da UFRJ, encontrou as origens desse desvario em alguns ativistas americanos do final dos anos 1980. Se você gosta de teorias conspiratórias malucas, vai curtir este vídeo aqui (em inglês), gravado há mais de 30 anos pelo americano William Lind. Lind era um doido: ele defendia políticas como o uso de lança-granadas pela polícia em zonas urbanas e a volta dos enforcamentos públicos nos bairros violentos (em outras palavras, bairros negros).

Nesse vídeo, ele conta uma história idêntica àquela pela qual depois Olavo ficou famoso - Olavo nega conhecer Lind. Essas teorias conspiratórias americanas bebem de um anti-comunismo antigo, mas foram atualizadas pela Queda do Muro de Berlim, quando o comunismo subitamente perdeu quase todo seu poder político e deixou de ser uma ameaça. Fazia sentido, portanto, procurar um inimigo novo: não é à toa que setores ultrarradicais das forças armadas americanas e da indústria bélica ajudaram a financiar Lind. Pronto: o inimigo agora não era mais Moscou, mas sim o comunismo que está diluído em toda a cultura.

Olavo copiou essas teorias, mas não foi só ele: teóricos dentro das Forças Armadas Brasileiras, um tradicional celeiro de paranoia, fizeram o mesmo.

Conhecer essa teoria da conspiração é importante para entender o que está acontecendo no Brasil agora. Sem ela, é impossível compreender racionalmente um governo que parece atacar tudo aquilo que deveria defender. O Ministério dos Direitos Humanos é inimigo dos direitos humanos, o do Meio Ambiente persegue ambientalistas, das ONGs ao Leonardo diCaprio, o da Educação é inimigo dos professores, o da Ciência é contra cientistas, o das Relações Internacionais trabalha todos os dias

contra os interesses do Brasil no mundo. Isso só faz sentido se entendermos que as pessoas que estão implementando essas políticas acreditam (ou talvez, em alguns casos, fingem acreditar) que estão livrando esses setores da sociedade de marxistas culturais que fingem trabalhar pelo Brasil mas na verdade querem destruir a civilização ocidental. Como notou o economista político Costa Pinto, é uma loucura, mas tem método.

Ah, vale lembrar que a teoria do marxismo cultural, que é americana na origem, mudou ao longo dos anos e virou outra coisa, ainda mais louca: a teoria do QAnon, sobre a qual ainda volto a falar. Nessa nova versão, o projeto final dos marxistas culturais é legalizar a pedofilia. Considerando a influência desses teóricos da conspiração sobre as pessoas que estão no poder no Brasil hoje, não é surpresa que boatos sobre pedofilia estejam cada dia mais presentes no debate público brasileiro também.

Link original: <https://epoca.globo.com/denis-r-burgierman/coluna-a-teoria-da-conspiracao-que-dominou-brasil-24562224>